

Conclusão

Chamamos de “Conclusão” o último capítulo deste trabalho para atender a exigências formais, mas as infinitas possibilidades de leitura e estudo que a riqueza das criações de Lobato podem inspirar não se esgotam nesta ou qualquer outra pesquisa – aliás, o que se esgota em nosso mundo de eterna releitura e reescritura?

Monteiro Lobato tinha um projeto de Brasil.

Para realizá-lo, concluiu que era necessário recomeçar pelas crianças. Sendo elas a certeza do futuro, a semeadura de inteligência, de cultura e de amplitude de pensamento tinha que começar por elas.

Lobato soube harmonizar em sua literatura infantil as necessidades paradidáticas dos leitores em idade escolar sem deixar de privilegiar o mundo de encantamento, magia e maravilhas onde naturalmente vivem as crianças – com isso, aceitou redimensionar seu próprio pensamento de raízes racionalistas e positivistas, exercendo na vida o questionamento de dogmatismos que defendeu em suas obras.

Por muito amor pelo Brasil e pela cultura brasileira, Lobato criou uma literatura infantil onde crianças brasileiras ficcionais e personagens de nosso folclore convivem em *situação de igualdade* com os personagens mais célebres da cultura universal, isto é, em relação de profunda afetividade e cumplicidade, mas sem a reverência obtusa que impede novas formas de *ser*, de *pensar* e de *criar*.

Tanto assim, que como se queixa D. Carochinha, os personagens de seus contos querem sair das histórias “*emboloradas*” e conhecer a menina do

narizinho arrebitado; e Pedrinho endossa, afirmando que os personagens devem mesmo viver novas aventuras, lá no Sítio.

O *maravilhoso* em Lobato não se constrói pela simples apropriação de personagens tradicionais, mas pelo que resulta de seu encontro com os elementos brasileiros: a *reinvenção* e a *recriação* de ambos.

Além disso, o *maravilhoso* na obra lobatiana também não funciona como disfarce atraente para a simples imposição de ensinamentos às crianças; ao contrário, o *maravilhoso* permite que as “certezas” e as “verdades” sejam vistas em sua relatividade essencial. Como pudemos observar nas obras deste trabalho lidas sob a ótica do *maravilhoso*, qual sejam, *Reinações de Narizinho*, *O Picapau Amarelo* e *O Minotauro*, a situação da narrativa em tempos e espaços distantes ou mesmo imprecisos não a transforma num lugar de evasão ou escapismo da realidade, mas sim faz dela um lugar para a livre releitura e reescritura de histórias das mais diversas tradições, metaforicamente inspirando aos leitores uma postura crítica e transformadora face à sua realidade referencial.

Rompendo os limites entre realidade e sonho, *Reinações de Narizinho* é uma narrativa que assume o ponto de vista da criança. Para a criança, não importa onde termina a realidade e começa o sonho, ou o que é “verdade” e o que é “invenção”. A “mentira”, para ela, é apenas “*uma verdade que se esqueceu de acontecer*”, como definiria a sensibilidade do poeta Mário Quintana.

Mais do que um lugar onde possam morar, como queria Lobato, as crianças encontram nos livros do Sítio do Picapau Amarelo um espaço onde podem compartilhar aventuras maravilhosas com adultos, com os queridos personagens de outras tradições, outras mitologias e até com personalidades históricas. Este é desejo que a obra *O Picapau Amarelo* particularmente realiza de forma arrebatadora: nela, as terras do Sítio literalmente passam a ser habitadas por incontáveis personagens das mais diversas origens que, no curso da convivência, dão continuidade a aventuras antes encerradas em suas histórias originais em uma apoteose de intertextualidades e recriação. Neste Sítio-universo onde todos podem morar, Lobato também traz para sua ficção a visita de crianças ‘reais’, apresentadas com seus nomes verdadeiros, com quem o escritor tinha contato na ‘vida real’ (LOBATO, 2004, p.60).

Em *O Minotauro*, obra que dá prosseguimento às aventuras iniciadas em *O Picapau Amarelo*, é o pessoal do Sítio que se desloca para a Grécia Heróica e para

a Grécia de Péricles, tudo para resgatar Tia Nastácia, raptada pelo Minotauro obcecado em comer seus bolinhos – afinal, no banquete de culturas, Lobato parece nos dizer que a cultura brasileira é iguaria inigualável, absolutamente digna de ser devorada pela cultura helênica, consensualmente a cultura-gênese do Ocidente. Como já mencionamos, este é lugar de relevância e de igualdade onde Lobato insere a cultura brasileira em seu intertexto de tradições.

Além do conhecimento *in loco* da Geografia, História e Mitologia da antiga Hélade, a viagem à Grécia proporciona aos personagens do Sítio o contato direto com o *maravilhoso* do mundo grego - mas, em mão dupla, também permite que os personagens gregos se deslumbrem com as *maravilhas* do mundo ‘moderno’, contadas por Dona Benta, seus netos e Emília.

Quando adultos, esquecemos que o nosso mundo é maravilhoso. Não reparamos que o País das Maravilhas é aqui mesmo, “*está em todos os lugares*”. Mesmo o que consideramos mais “palpável”, mas próximo desta dimensão que convencionamos chamar de “realidade”, sempre terá em si algo de estranho, de irreal. Mas precisamos ter olhos de ver... Afinal, como nos ensina Gaston Bachelard em *O ar e os sonhos - Ensaio sobre a imaginação do movimento*, privados da função do irreal, tornamo-nos tão mentalmente deficientes quanto se privados da noção de real (BACHELARD, 1990).

É o exercício do *desreal*, termo usado por Eliana Yunes em *O Lugar da Fantasia na Literatura Infantil* (YUNES, 1981, p.8), antagônico à idéia de *irreal*, que costura a obra *A Chave do Tamanho*, apreciada nesta dissertação pelo viés do *fantástico*. Na obra, Lobato se refere textualmente à realidade factual da Segunda Guerra Mundial para, através da fantasia, destruí-la e criar uma nova realidade onde a espécie humana pudesse organizar sua civilização sem a barbárie do genocídio. Aos leitores, fica o gostinho do “vir-a-ser”, das infinitas possibilidades de se transformar uma realidade de desfavorável, e a intuição de que cada um pode sempre atuar, em alguma dimensão, para a melhoria e preservação de nosso mundo.

Também buscamos demonstrar neste trabalho a representação mágica que Lobato dá à figura do livro e da leitura em sua literatura. O escritor e editor dedicou sua vida à missão de transformar o Brasil num país de leitores, estabelecendo a infância como a fase da existência onde se formam os leitores “para a vida inteira”.

Lobato sempre vislumbrou a importância da *leitura* na formação de *sujeitos* críticos, mobilizados, transformadores e atuantes. Sobre o processo de leitura na formação da subjetividade, citamos as palavras de Eliana Yunes em seu texto *Leitura, a complexidade do simples: do mundo à letra e de volta ao mundo* :

O movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocados a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de co-mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido, mas uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo (YUNES, 2002, p.27).

Todas as nossas experiências de vida são elaboradas pelo ponto de vista da cultura – mesmo a dita “*realidade*” não pode ser experimentada senão pela linguagem, nós mesmos somos construções de linguagem. Ser ou não leitor não é uma opção: estar no mundo é estar lendo-o.

É a literatura, através das veredas da ficção, que nos conduz à descoberta do mundo que convencionamos como “*real*”: são as infinitas possibilidades de *SER* experimentadas na ficção que tornam possível ao leitor encontrar em si infinitas possibilidades de agir, de pensar, de ser.

A literatura também cria uma proximidade muito maior entre homem e linguagem, ajudando-o a tornar-se realmente um *sujeito* da linguagem e da cultura, aquele que fala e não apenas é *falado pela linguagem*, para usarmos a expressão de Eliana Yunes (YUNES, 2002, p.19). Este crescimento de *objeto* para *sujeito* da linguagem torna o indivíduo mais comprometido com sua participação na cultura e mais responsável por sua inserção na sociedade.

O sujeito-leitor passa a ter a dimensão ética do homem capaz de se sentir responsável mantendo-se fiel a si mesmo; ele adquire a *identidade de si mesmo*, como conceituaria Paul Ricoeur.

É interessante notar que a literatura, na medida em que (re)organiza o sujeito e sua experiência de mundo, cria também um novo “*escritor*” de mundo, uma nova voz com sede de expressão – daí dizermos novamente, com Barthes, que a toda leitura corresponde uma escritura.

Esse *sujeito*, é importante lembrar, jamais estará pronto; será sempre construção, *travessia*. Tão infinitas quanto a linguagem são as possibilidades de subjetividade. Também jamais deixará de, concomitantemente, exercer seu papel

de *objeto* da linguagem: estar na linguagem, nos ensina Mariani, “*é estar significando e sendo significado*” (MARIANI, 2002, p.107).

Podemos afirmar que todos os desníveis sociais e culturais que testemunhamos em nosso mundo se relacionam com os desníveis de posse da linguagem; a missão primordial da escola básica deveria ser o investimento na leitura (não somente de livros) para formar sujeitos capazes de tomar posse da linguagem.

Ao experimentar a leitura das obras infantis de Monteiro Lobato comprovamos que o autor trouxe para sua literatura toda a sua crença humanística no potencial mais legítimo do homem para o pensamento, para a criação, para a invenção, para a transformação do mundo. Esse potencial deveria ser estimulado desde a infância para o desenvolvimento pleno das melhores qualidades humanas.

O cérebro da criança ainda não está *envenenado*, nos diz Lobato. O futuro possível reside com ela, daí a importância fundamental de uma formação que a ponha em contato com a “produção cultural da humanidade”, o que inclui os mitos, a Literatura, a História, a Gramática, a Geografia, o folclore, a própria natureza.

O projeto de Lobato, poderíamos dizer, era fazer das crianças *leitoras do mundo*. Para isso, construiu para elas uma literatura infantil brasileiríssima sem abrir mão das preciosidades de outras culturas: ao contrário, soube devorar (como o Visconde de Sabugosa devorou os livros de D. Benta) o que havia de mais poderoso nas culturas estrangeiras e trazê-lo para a sua literatura de brasileiro.

O Sítio foi um altar de rituais de antropofagia, na acepção oswaldiana do termo, já muito antes de as nossas vanguardas organizarem a idéia em manifesto.

Todas as histórias podem conviver no Sítio. Todas as formas de saber o mundo – das mais científicas às mais fantásticas – lá se unem para conduzir o leitor à aventura do conhecimento.

O humor também é outro recurso utilizado por Lobato para a criação de espíritos livres. O jogo a que nos convida o humor requer espíritos abertos e disponíveis e supõe a distância em relação a si mesmo. O humor ajuda a criança a apaziguar, progressivamente, seu egocentrismo primitivo, auxiliando em sua maturação afetiva.

Como já falamos, para a formação de leitores, Lobato não tinha apenas um projeto literário e ideológico, mas um projeto “editorial”. Com sua força

realizadora, montou editoras e passou a editar seus próprios livros, não poupando meios para que atingissem a máxima distribuição possível.

Lobato soube co-mover seus leitores criando entre eles e sua literatura uma relação permeada de *afetos*. A afetividade, aliás, não se restringiu à literalidade das obras, mas ao próprio objeto *livro*, que se tornou brinquedo e casa – exatamente como ele queria: livros onde as crianças pudessem *morar*.

A contribuição inestimável do mestre Lobato para a formação de leitores se faz sentir diante da imortalidade de sua obra, ininterruptamente lida através das gerações, infinitamente relida e adaptada para outras mídias.

Sua obra jamais se esgota porque revela toda a potência criativa do homem, com uma fé contagiante nas possibilidades da humanidade. E se o futuro, como tudo o mais, também será *discurso*, por que não começar a criá-lo agora mesmo? Com mais inteligência e imaginação ao alcance de todos.